

# PARTE I

## EXPLORAÇÃO DO TRABALHO, DOMINAÇÃO E OPRESSÃO DAS MULHERES

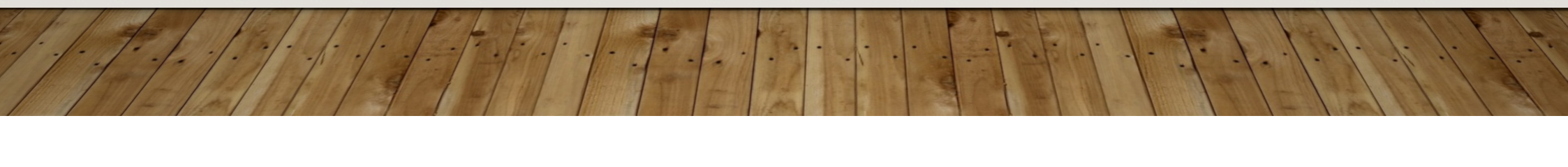
---

### I.2 – OS PRIMEIROS REFERENTES DA INTERLOCUÇÃO: O FEMINISMO DOS ANOS 1940-1960

NADYA ARAUJO GUIMARÃES

*FLS5174 – GÊNERO E TRABALHO. DESAFIOS NACIONAIS, DEBATES INTERNACIONAIS*

*PPGS/USP, 14.08.2017 (AULA 3)*



# ROTEIRO: O DUPLO PARTIDO DA ABORDAGEM

---

- **O CONSUMO DO DEBATE INTELECTUAL INTERNACIONAL À ÉPOCA DAS PRIMEIRAS FORMULAÇÕES BRASILEIRAS.** SEGUINDO AS PISTAS DEIXADAS POR HELEIETH SAFFIOTI, A FIGURA-SÍNTESE, EM SUA TESE DE LIVRE-DOCÊNCIA
- **MAS, QUE TAL SE, PENSANDO A CONTRAPELO, AS IDEIAS FOSSEM VISTAS EM PERSPECTIVA** (E, DE CERTO MODO, FORA DE SEUS LUGARES E/OU TEMPOS)?
  - COMO A FIGURA-SÍNTESE AVALIA, EM RETROSPECTO, OS DIÁLOGOS INTELECTUAIS QUE TRAVOU?
  - COMO AS SUAS IDÉIAS FORAM AVALIADAS QUANDO CIRCULARAM EM OUTROS MUNDOS INTELECTUAIS?
  - COMO SEU PENSAMENTO É AVALIADO, EM PERSPECTIVA, PELAS FEMINISTAS BRASILEIRAS?

# PARTIDO INICIAL: O QUE E COMO SE CONSOME O DEBATE INTERNACIONAL?

---

SEGUINDO AS PISTAS DA NOSSA FIGURA-SÍNTESE (HELEIETH SAFFIOTI) EM SEU TEXTO FUNDANTE (*A MULHER NA SOCIEDADE DE CLASSES. MITO E REALIDADE*, Tese de Livre-docência defendida em 1967)

# LISTA NUMERO 1 (VASCULHANDO OS RODAPÉS) : A QUEM SE CITA NO MUNDO ANGLÓFONO ?

---

FRIEDAN, Betty [sic]. *La Femme Mystifiée*, Editions Gonthier, Genebra 1964.

MEAD, Margaret, *Male and Female*, William Morrow & Company, Publishers, 1949. *Macho e Fêmea*, Editora Vozes, 2a ed., 1973.

MEAD, Margaret, *Sex and Temperament in three primitive societies*, Routledge and Kegan Paul, 1935.

MITCHEL [sic], Juliet, "Women: The Longest Revolution", in *New Left Review*, Londres, nov.-dez. 1965.

MYRDAL, Alva & KLEIN, Viola, *Women's two roles*, Routledge & Kegan Paul Ltd., Londres 1962.

THOMPSON, Clara, "Cultural Pressures in the Psychology of women", in *A Study of Interpersonal Relations*, editado por Patrick Mullahy, Grove Press, Inc., Nova Iorque 1949.

THOMPSON, Clara, "The role of women in this culture", in *A Study of Interpersonal Relations*, editado por Patrick Mullahy, Grove Press, Inc., Nova Iorque 1949.

# PISTA NUMERO I (VASCULHANDO OS RODAPÉS) : A QUEM SE CITA NO MUNDO FRANCOFONE ?

---

BEAUVOIR, Simone, *O Segunda [sic] Sexo*, Difusão Européia do Livro, São Paulo 1961.

CHOMBART DE LAUWE, Paul-Henry, *Images de la Femme dans la Société*, Recherche Internationale sous la direction de Paul-Henri Chombart de Lauwe, Les Editions Ouvrières, Paris 1964.

DESANTI, Dominique, *Visages de Femmes*, Editions Sociales, Paris 1955.

DUMAS, Francine, "La femme dans la vie sociale", in *Femmes du XXe siècle*, Presses Universitaires de France, Paris 1964.

FREVILLE, Jean, *La femme et le communisme*, Editions Sociales, Paris 1951.

GUILBERT, Madeleine e ISAMBERT-JAMATI, Viviane, *Travail féminin et Travail à domicile*, Centre National de la Recherche Scientifique, Paris 1956.

GUILBERT, Madeleine, *Les Fonctions des Femmes dans l'Industrie*. Mouton & Co., Holanda 1966.

GUILBERT, M, e ISAMBERT-JAMATI, V., "Statut professionnel et rôle traditionnel des femmes", in *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. XVII, 1954.

ISAMBERT-JAMATI, Viviane, "Adaptation au travail et niveau de qualification des femmes salariées", in *Revue Française de Sociologie*, n. 1, Janvier-Mars 1960.

MOSCOVICI, Marie, "Le changement social en milieu rural et le rôle des femmes", in *Revue Française de Sociologie*, n. 1, Juillet-Septembre 1960.

SARTIN, Pierrette, *La Promotion des Femmes*, Librairie Hachette, Paris 1964.

# PISTA NÚMERO 2: QUEM SÃO OS ALVOS PREDILETOS NO TEXTO?

---

- O PONTO DE PARTIDA PARA AFIAR LANÇAS CONTRA "A PSICANÁLISE" E "A ANTROPOLOGIA":

(...) *as ciências humanas constituem um instrumento altamente eficaz da elevação do grau de racionalidade funcional dos processos sociais, independentemente dos fins destes, na medida em que fornece a fundamentação científica, tão cara às sociedades modernas, daquela racionalidade. Nestes termos, as ciências humanas fornecem inestimáveis subsídios aos processos mistificatórios e, especialmente, tendo-se em vista os objetivos deste trabalho, à mística feminina.* Com efeito, a mística feminina tem-se, numerosas vezes, nutrido de hipóteses e erros científicos, assim como das descobertas transfiguradas pela re-interpretação social que sofreram.

- Saffioti in *A Mulher na Sociedade de Classes*, Parte III

# O CONTENCIOSO COM A PSICANÁLISE FREUDIANA: I. O QUE ESTA DESCORTINA...

---

*(...) a Psicanálise representou uma transformação da maneira de encarar os fenômenos da vida humana. Ao focalizar e buscar explicações para problemas direta ou indiretamente vinculados ao sexo, ao atribuir um peso considerável aos fatores sexuais na personalidade humana, abriu um novo campo à ciência que assim penetrava num terreno até então considerado tabu pela sociedade. As resistências opostas ao ponto de vista psicanalítico, tanto pelo meio social em geral quanto pelos meios acadêmicos, atestam seu caráter essencialmente inovador e mesmo revolucionário no modo de conceber a interferência dos fatores sexuais na estruturação da personalidade individual.*

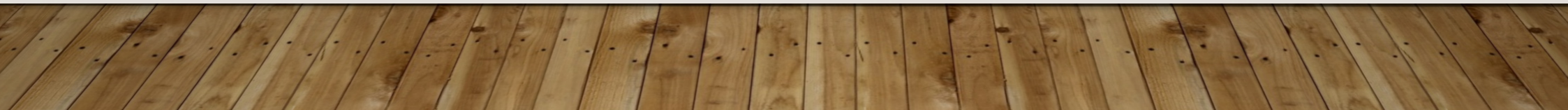
*Saffiotti, in A Mulher na Sociedade de Classes, Parte III*

# O CONTENCIOSO COM A PSICANÁLISE FREUDIANA: 2... E O QUE OBSCURECE...

---

Paradoxalmente, entretanto, a teoria freudiana, cujo caráter revolucionário foi grandemente responsável pela implantação de uma nova perspectiva de abordagem das questões sexuais, [...] **contribuiu para manter a mulher envolta em mitos** cuja vigência limitou largamente a mudança dos papéis sociais femininos. A tentativa de Freud de buscar nos fatores anatômicos a explicação dos traços psicológicos da mulher acabou por conduzir à mesma conclusão, errônea e desfavorável à mulher, a que os mitos construídos a partir da biologia haviam levado: **o destino da mulher está impresso em sua anatomia**. A explicação anatômica a que recorreu à Psicanálise freudiana talvez possa ser vista simplesmente como uma tentativa de construção de uma teoria «free culture»; mas, exatamente por responsabilizar os fatores constitucionais pelas características assumidas pela personalidade feminina numa certa época histórica, **ela não faz senão tornar absoluto, nos dados palpáveis da biologia, um sistema de valores cujo sentido só tem existência no tempo histórico**. Eis por que a Psicanálise ortodoxa teve conseqüências desfavoráveis sobre o ajustamento social das mulheres

Saffiotti, in *A Mulher na Sociedade de Classes*, Parte III





# A ARMADILHA DA INTERPRETAÇÃO PELO BIOLÓGICO... OU "QUEM COM FERRO FERRE..."

---

O fato de ser a mulher alijada da estrutura ocupacional tem levado alguns estudiosos a identificar esta categoria de sexo com as minorias raciais, porém não absorvidas integralmente por aquela estrutura. Estes fenômenos, entretanto, apresentam, cada um, características específicas. À medida que pressões do mercado de trabalho obrigam à absorção de certa minoria racial por parte da ordem social competitiva, criam-se, para esta minoria, não apenas a oportunidade de participar de um modo novo na distribuição da renda social, mas possivelmente também, e talvez por isso mesmo, maiores oportunidades para casamentos inter-raciais. As características raciais visíveis do grupo minoritário, muitas vezes selecionadas, socialmente, como marcas negativas, a fim de tornar desigual a competição para os dois grupos raciais em presença, **podem, portanto, perder-se através da miscigenação**. No caso da mulher, **o atributo isolado socialmente para operar como regulador da competição — o sexo — não pode nem ser atenuado nem desaparecer**. Disto se pode concluir que a estratificação a partir do sexo jamais desaparecerá da sociedade. A digressão tem o objetivo somente de diferenciar a situação da mulher da situação das minorias raciais e mostrar **que o sexo, enquanto fator natural que é, estará sempre presente**, podendo ser usado como critério de atribuição de status, com consequências negativas para a mulher, como empiricamente se tem verificado.

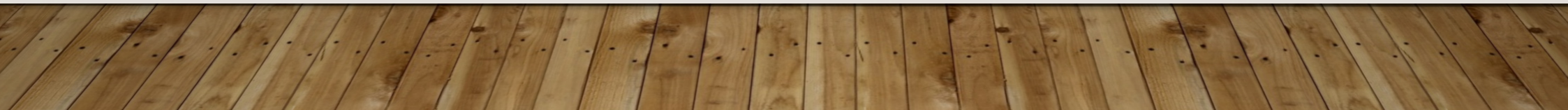
Saffiotti, in *A Mulher na Sociedade de Classes*, Parte III, nota 25

# O CONTENCIOSO COM ANTROPOLOGIA DE MEAD: I. O QUE ESTA DESCORTINA...

---

- *Ampliou e colocou em termos cientificamente corretos, por meio de extensa coleta de material empírico, a compreensão de certos problemas até então insatisfatoriamente tratados. A noção de relatividade cultural, amplamente comprovada empiricamente, viria abrir novas perspectivas para o pensamento humano.*
- *Com impressionante riqueza de detalhes, M. Mead mostrou, em várias obras, a enorme plasticidade da natureza humana. Revelou que as características psicológicas que as sociedades ocidentais estão habituadas a ligar à masculinidade e à feminilidade existem, independentemente do sexo, em sociedades primitivas.*

*Saffiotti, in A Mulher na Sociedade de Classes, Parte III*



# O CONTENCIOSO COM A ANTROPOLOGIA DE MEAD: 2... E O QUE OBSCURECE...

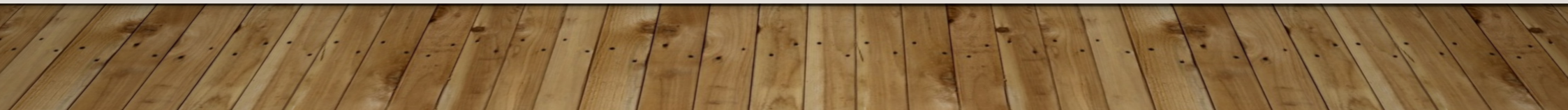
---

Embora a atitude de M. Mead seja altamente crítica em relação às limitações que as sociedades em geral e, em particular a sociedade norte-americana, impõem à «humanização» da mulher e não obstante ter ela inferido que, de um modo ou de outro, essas limitações não atingiam apenas a mulher, mas acabavam por afetar também ao homem e, portanto, a toda a sociedade, *não chegou a penetrar fundo da questão, não desvendando, sob um esquema de estratificação social, uma estrutura de classes que permitisse compreendê-la.* Em decorrência disso, sua atitude, altamente favorável à mudança social, e as soluções que propõe talvez possam mais ser denominadas «wishful thinking» do que reformistas ou revolucionárias.

Não desvendou, enfim, a natureza dos fenômenos que se ocultavam sob e na estratificação social. M. Mead caiu, por assim dizer, vítima da própria Antropologia.

[Não sem razão, unindo passagens...] A análise do ponto de vista cultural, entretanto, se revela insuficiente para o desvendamento das relações sociais e das estruturas que as determinam; da dinâmica das estruturas parciais e de seu padrão de integração; das potencialidades da práxis no que tange ao destroçamento e à construção de novas estruturas.

Saffiotti, in *A Mulher na Sociedade de Classes*, Parte I



# PISTA 3 – ONDE ESTÃO AS FEMINISTAS PROEMINENTES?

## I. O "QUASE ESQUECIMENTO" DE BEAUVOIR

---

- Ironizada, como na nota 74, quando Beauvoir é tomada como descrente da capacidade de organização unificada das mulheres
- Desafiada, como na nota 127, onde se pretende flagrá-la em contradição (ao tempo em que nega violência ao movimento sufragista inglês, refere a depredação de jardins e obras de arte, etc.
- A concessão circunscrita, na pg 196, corpo do texto : *Neste contexto, e talvez só neste, ganha sentido a afirmação de Simone de Beauvoir de que «é no plano econômico e não no plano sexual que a mulher sofre a opressão». Na verdade, o que a sociedade capitalista fez não foi senão explicitar um fenômeno presente em todas as sociedades humanas: a dominação do homem sobre a mulher. Por outro lado, é este mesmo tipo de formação social que, permitindo a independência econômica da mulher, ao menos até certo ponto, **reduz os efeitos da dominação masculina**. Assim, este momento superior de estruturação da sociedade, concomitantemente, eleva à superfície da vida social as relações de assimetria entre os sexos, possibilitando a sua apreensão imediata pelos agentes da ação, e impele a uma superação dessa assimetria.*

# PISTA 3 – ONDE ESTÃO AS FEMINISTAS PROEMINENTES?

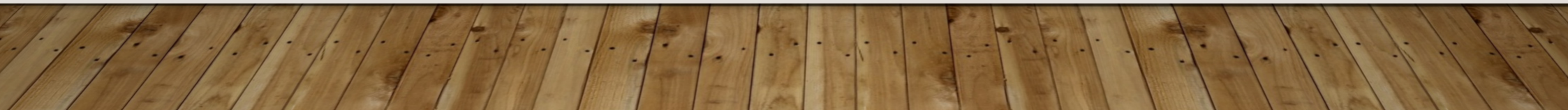
## 2. O RELEVO DE FRIEDAN: PROVENDO EVIDENCIAS

---

*maior parte das mulheres americanas que trabalham não fazem carreira; antes, empregam-se temporariamente como vendedoras ou secretarias com o objetivo de fornecer rendimentos suplementares que possibilitem ao marido ou aos filhos terminar seus estudos ou efetuar o pagamento de empréstimos. Cada vez menos as mulheres americanas escolhem uma profissão. Mesmo nas ocupações tradicionalmente femininas como as de enfermeira, professora e assistente social, as mulheres rareiam (pp.24*

*Betty Friedan constatou que a lei de Parkinson ("as funções da mãe de família ganham maior amplitude em função do tempo de que ela dispõe") se comprova inteiramente nos Estados Unidos da atualidade. "Quanto menos uma mulher desempenha um papel na sociedade em que vive — respeitada suas capacidades e aptidões — mais seu trabalho doméstico, de mãe e de esposa aumentará e mais serviços domésticos é inversamente proporcionado ao tempo que uma mulher consagra a todo outro trabalho que ela escolheu. Privada de interesses exteriores, uma mulher é virtualmente obrigada a consagrar cada minuto de seu tempo aos fastidiosos serviços do lar. (...) As donas-de-casa americanas passam tanto ou mais tempo no lar que suas mães apesar de os apartamentos serem menores e mais fáceis de manter e de possuírem elas sete vezes mais aparelhos domésticos. (...) As mulheres que saíram fora de casa (...) realizam todas as atividades domésticas (...) e, mesmo que sua ocupação fora do lar lhes tome 85 horas semanais, sua semana de trabalho é uma hora e meia mais curta que aquela da dona-de-casa"; La femme mystifiée, Editions Gouthier, 1964, vol. II, p. 46, 47 e 49. (pg 42*

*mesmo nos países nos quais se pode considerar que elas (as mulheres) sejam mais felizes, se as impede de se exprimir, de desenvolver suas aspirações. As leis as oprimem em sua liberdade, roubam-lhes a vontade. São escravas da opinião" (pg 64*



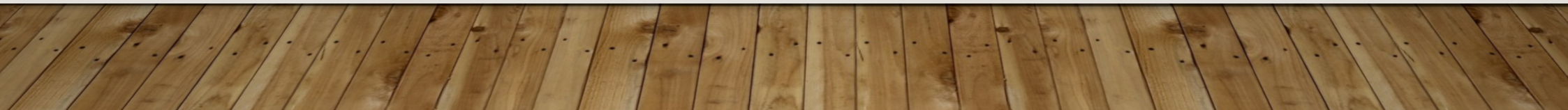
# PISTA 3 – ONDE ESTÃO AS FEMINISTAS PROEMINENTES?

## 2. O RELEVO DE FRIEDAN: AJUDANDO A AFIAR AS ARMAS PARA A CRÍTICA À PSICANÁLISE

---

*técnicas terapêuticas, que Freud elaborou, ofereciam amplas possibilidades de reajustamento para a personalidade masculina; para a mulher, contudo, seu auxílio seria limitado pelos defeitos anatômicos femininos. Eis por que a condição da mulher não se altera com o nascimento da Psicanálise freudiana. Ao contrário, desta se nutriu a mística feminina em países onde as idéias de Freud tiveram maior penetração. As mulheres norte-americanas, aceitando calorosamente como verdadeiras as hipóteses iniciais da teoria psicanalítica, caíram na armadilha de poderosa armadilha. A mística feminina, elaborada com os requintes que as técnicas de comunicação de massa e a ciência da propaganda permitem, constitui-se num adversário mais forte para a mulher moderna do que o foram os preconceitos para suas avós. Por outras razões, a força da mística deriva do fato de ser ela difundida por psicólogos, educadores e outros estudiosos das ciências do homem, tidos como os maiores inimigos dos preconceitos[...].*

*Assim, acabou o mito da passividade feminina, aureolado pelo seu pretensível cunho científico, por anular, ou pelo menos reduzir, o valor terapêutico que inegavelmente possuem as técnicas psicanalíticas, quando aplicadas à mulher moderna. Conservando-se ou transformando-se em seres economicamente inativos, em donas-de-casa insatisfeitas, carentes de possibilidades de realização plena, muitas dessas excelentes de perturbações nervosas, numerosas mulheres norte-americanas passaram a sofrer de uma «doença indefinível», da qual procuram livrar-se, recorrendo às técnicas elaboradas pela escola psicológica que contribuiu para confiná-las ao lar.*



# PISTA 3 – ONDE ESTÃO AS FEMINISTAS PROEMINENTES?

## 3. UM TOQUE DE PASSAGEM, NUM ÚNICO RODAPÉ, NAS IDEIAS DE JULIET MITCHELL

---

Recente artigo de Juliet Mitchel [sic], "Women: The Longest Revolution", in New Left Review, novembro/dezembro de 1966, obedecendo a essa mesma linha de pensamento, aventura ousadas soluções para o problema da mulher.

A utilização da noção de superdeterminação, extraída de Louis Althusser (Pour Marx, F. Maspero, Paris 1966), permite uma visão globalizadora da condição feminina através de seus quatro papéis fundamentais: trabalhadora, reprodutora, ser sexual e socializadora dos filhos. O que a noção de superdeterminação tem de inovadora é a ideia de que as contradições entre as diversas estruturas parciais da sociedade podem ou reforçar-se mutuamente ou anular-se reciprocamente. Unidade de ruptura diz respeito ao momento em que as contradições, reforçando-se mutuamente, criam as condições para uma mudança revolucionária. A noção parece ter valor heurístico. Todavia, é discutível a utilização que dela faz a autora: "É somente nas sociedades altamente desenvolvidas do ocidente que uma autêntica libertação das mulheres pode ser hoje vislumbrada. Mas, para que isso ocorra, deve haver uma transformação de todas as estruturas nas quais elas estão integradas e uma unidade de ruptura. Um movimento revolucionário deve basear sua análise no desenvolvimento desigual de cada uma e atacar o mais fraco liame da combinação. Este pode então tornar-se o ponto de partida para uma transformação geral" (p. 30).

# PARTIDO FINAL: PENSANDO A CONTRAPELO, TOMANDO AS IDEIAS EM PERSPECTIVA

---

E, DE CERTO MODO, FORA DE SEUS LUGARES E/OU TEMPOS:

- (1) COMO HELEIETH AVALIA SUAS ESCOLHAS EM RETROSPECTO/À LUZ DE UM OUTRO TEMPO,
- (2) COMO SUAS IDEIAS FORAM RECEBIDAS FORA DO BRASIL,
- (3) COMO SUAS IDEIAS FORAM REAVALIADAS NO BRASIL, MAS EM OUTRO TEMPO



# PENSANDO A CONTRAPELO: I. AS ESCOLHAS VISTAS EM RETROSPECTO PELA AUTORA: I. I - DIALOGANDO COM SIMONE, EM 1999

---

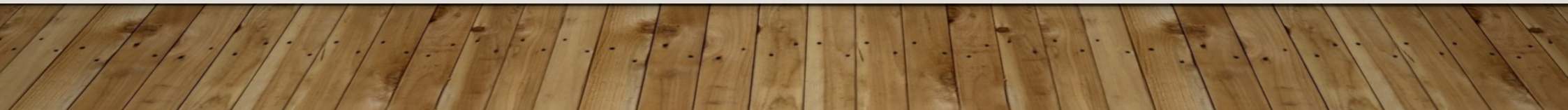
...entar alinhavar com vocês algumas idéias a respeito, não da obra da Simone de Beauvoir como um todo – é uma obra muito extensa – mas sim sobre *O Segundo Sexo* especificamente. Vocês poderão me interromper toda vez que sentirem necessidade, não é preciso esperar que eu termine.

...pois da Segunda Guerra Mundial, Simone começou a escrever esse livro, que demorou bastante para ser concluído, porque demandava muita pesquisa empírica. Ela não realizou nenhuma pesquisa empírica porque nem lhe cabia fazer isso; ela não era antropóloga, não era socióloga, enfim ela se punha muito mais como filósofa e como filósofa. Portanto, não lhe cabia trabalhar com dados primários. Mas a pesquisa de dados secundários demorou muito tempo; demandava muito tempo. Ela trabalhou de 1946 a 1948 trabalhando no livro, mas não só nisso; fazia outras coisas também. Ela trabalhava alguns meses no livro e em outras coisas. Mas ela levou de muito tempo para reunir aquela massa de dados, para organizá-la e escrever o livro.

...momento era um momento extremamente difícil para a França. Como vocês sabem, a França teve um governo colaboracionista dos nazistas, o Governo Pétain, sucedendo-se o governo no exílio de De Gaulle na Inglaterra. A França foi invadida pelo nazistas, e os franceses foram obrigados a “comer rato”; não havia o que comer e eles passaram por uma humilhação tenebrosa para um povo que estava habituado a ser o irradiador da cultura universal; era um momento de muita carência. Além disso, a pesquisa havia sido destruída, os laços internacionais também ficaram prejudicados, alguns muito prejudicados, as transações comerciais sofreram muito em decorrência da guerra. Sozinha mesmo uma pessoa “fora de esquadro” como Simone para se lembrar de escrever sobre mulher.

...eu digo isso, falo por experiência própria, mas com muita modéstia; não estou querendo me comparar com a Simone, porque ela foi uma grande criatura, sem dúvida. Agora, as circunstâncias em que ela e eu produzimos não foram totalmente semelhantes porque o Brasil, felizmente, não enfrentou nenhuma guerra. Mas do ponto de vista de não haver condições para se pensar a mulher ou pensar as relações entre homens e mulheres, as situações eram semelhantes. Por isso que eu digo: eu sei pela experiência própria o que é produzir uma obra numa sociedade que não está pronta a recebê-la.

Saffioti (1999). "O Segundo Sexo à luz das teorias feministas contemporâneas".

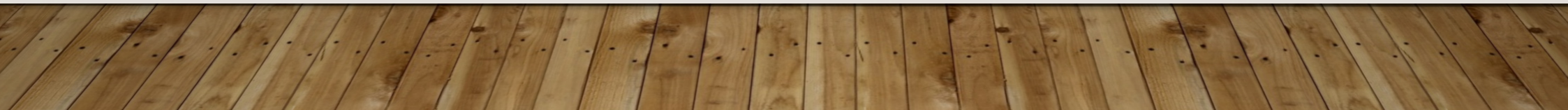


# PENSANDO A CONTRAPELO: I. AS ESCOLHAS VISTAS EM RETROSPECTO PELA AUTORA: I.I - DIALOGANDO COM SIMONE, EM 1999

---

meu ver, quando Simone escrevia “a mulher”, ela não se referia a um padrão universal que teria derivado do humanismo feminista, como ocorreu com Sartre. Em *O Segundo Sexo*, ela não põe a liberdade no plano ontológico. Ela circunstancia essa verdade, ela circunstancia as realizações da mulher, as relações sociais. Portanto, parece-me que não é justo classificá-la dessa maneira e rotulá-la como buscando uma verdade universal válida para todas as épocas e todas as sociedades. Mais do que isto, Simone exercitou de uma maneira muito precoce a análise das interrelações gênero, etnicidade e classe, tendo muito presentes as três contradições; ela realmente opera na análise com as três (pg. 18)

Simone, a meu ver, iniciou os estudos de gênero e ela disse, ela escreveu uma frase: “ninguém nasce mulher, mas se torna mulher”. Essa frase, na verdade, reúne o único consenso que existe entre feministas a respeito de gênero. Todo mundo diz: gênero é uma construção social. Muitas vezes, porém, quem diz nem sabe o que isso significa; mas todo mundo está de acordo que o gênero não é biológico, que ele é social. Esse é o único acordo; não existe consenso sobre mais nada; cada uma pensa o gênero de uma maneira diferente: umas são pós-modernas, outras são humanistas, outras partem da diferença sexual, outras são indiferentes à diferença sexual, enfim, há feminismos, teorias feministas e não “a teoria feminista”, não “o feminismo” no singular (pp. 22-23)



## PENSANDO A CONTRAPELO:

### I. AS ESCOLHAS VISTAS EM RETROSPECTO PELA AUTORA: I.1 - DIALOGANDO COM SIMONE, EM 1999

---

*Muitas feministas criticam negativamente Simone pelo fato de ela ter concebido a mulher como o outro. Para ela, o homem é o “eu” e a mulher o “outro”. As críticas vão sempre no sentido de que ela não deu à mulher a importância que a mulher merecia, que ela não reconheceu que as mulheres fazem história. Mas a minha leitura é diferente. Eu penso que ela fez um relato daquilo que ela viu na sociedade: os homens são o Sujeito da história, sujeito com S maiúsculo e as mulheres são o outro. Isso está extremamente vinculado, intimamente vinculado aos conceitos de imanência e de transcendência; o outro não ultrapassa o estágio da imanência, ou seja, aí ela usa as categorias de Sartre que não têm nada a ver com as categorias marxistas, embora tenham o mesmo nome – ser em si e o ser para si. Para Sartre, o ser em si é o que vive na imanência, ou seja, que não consegue ultrapassar o limite do próprio corpo. Já a transcendência ou “ser transcendente” que é o homem, esse sim consegue executar muitas coisas que se põem num horizonte muito além dele mesmo, do próprio homem. (pp. 5-26)*

## PENSANDO A CONTRAPELO:

### I. AS ESCOLHAS VISTAS EM RETROSPECTO PELA AUTORA: I.1 - DIALOGANDO COM SIMONE, EM 1999

---

- Bom, Simone não dispunha do termo gênero, mas ela conceituou gênero, ela mostrou que ninguém nasce mulher mas se torna mulher e, por conseguinte, ninguém nasce homem, mas se torna homem, ou seja: ela mostrou que ser homem ou ser mulher consiste numa aprendizagem. As pessoas aprendem a se conduzir como homem ou como mulher, de acordo com a socialização que receberam, não necessariamente de acordo com o seu sexo. Tanto é assim, que ela tem um capítulo sobre a lésbica. Por falar nisso, devido a esse capítulo de *O Segundo Sexo*, Simone não foi boicotada apenas na França, o foi no mundo todo.

# PENSANDO A CONTRAPELO: I. AS ESCOLHAS VISTAS EM RETROSPECTO PELA AUTORA: I.I - DIALOGANDO COM SIMONE, EM 1999

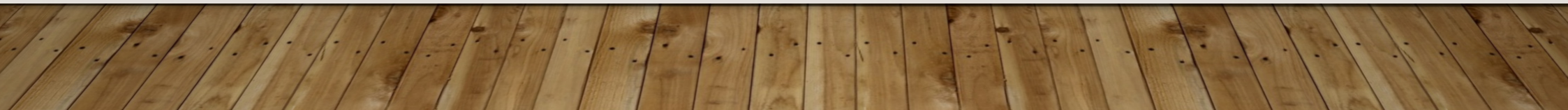
---

primeira parte de *O Segundo Sexo*, Simone critica duas posturas: a psicanálise e a biológica. [...] .Vamos dar uma espiada no que isso significa. Simone refutou a ideia de Freud de que a biologia é o destino. Fazer isso naquela época não foi fácil. Podemos dizer que esse século que está terminando foi dominado intelectualmente por Freud e Marx. Freud continua no poder, Marx foi apeado do poder pela maioria das pessoas e agora parece que há um retorno a certas ideias que ele formulou.

Fazer que a biologia não é o destino, ao contrário do que havia afirmado Freud, era de uma ousadia brutal. Todas as mulheres tinham “n” filhos, engravidavam, etc., porque a biologia era o destino. Simone constata isso mas também dá o grito de alerta: olha, assim não pode continuar, nós não podemos deixar que a biologia determine o nosso destino, e nós podemos mudar isso. Então, começa pela coerência, não vou ter filhos e foi o que ela fez. (p. 27-28)

Sobre a psicanálise, a recusa de Simone é muito procedente, porque ela não entra em considerações a respeito do processo terapêutico. Ela considera a falha epistemológica da psicanálise, da qual resultou essa história de “a biologia é o destino”. Vejam bem, até hoje essa ideologia perturba as feministas por estar num outro oposto: o gênero é o destino. Então, para quem acredita num determinismo cego, o gênero é o destino, a sociedade determina tudo; para quem não acredita, deixa espaço apenas para o contingente, não há como falar propriamente numa estrutura determinante do gênero. Então, é uma coisa aleatória, fragmentada e que não pode ser explicada por um pensamento também fragmentado. É muito complicado. Mesmo as pós-modernas cometem esse erro de tentar formar o gênero numa camisa de força e nós feministas já temos mostrado ao longo das nossas vidas que o gênero não é camisa de força.

Por fim, a psicanálise freudiana não pode ser aceita da maneira como foi concebida. Atualmente, com muitas contribuições de outros estudiosos, ela melhora e muito daquilo que ela diz é verdadeiro, pode ser aceito. Mas alguns pecadinhos ainda existem, por exemplo: numa sociedade de meios de comunicação tão poderosos, a influência da família ficou muito reduzida.



## PENSANDO A CONTRAPELO:

# I. AS ESCOLHAS VISTAS EM RETROSPECTO PELA AUTORA: I.1 - DIALOGANDO COM SIMONE, EM 1999 – E RESTABELECENDO UM (NÃO) LUGAR PARA FRIEDAN

□ tenho a agradecer o fato dela ter existido, o fato dela ter escrito esse livro... Há mais uma coisa [...]. Eu não me perdôo (até isso neste artigo que vai sair nos Cadernos Pagu), eu não me perdôo por não ter percebido um plágio feito pela Betty Friedan. Eu li *O Segundo Sexo* em 1962, quando eu comecei minha vida acadêmica, e depois houve um intervalo grande porque o livro da Betty Friedan, que foi publicado em 1963, eu só □ li mais tarde, creio que em 1966. Eu não me lembro quando eu li porque levou um tempo para chegar ao Brasil, chegou a tradução francesa, nem foi o livro em inglês. Então, demorou mais e como eu naquela época tinha uma afinidade muito grande com Simone, com as concepções, não todas, mas a concepção metodológica que ela utilizou em *O Segundo Sexo* naquela época a definição de cultura não contemplava a práxis e eu havia feito uma opção metodológica em que a práxis era nuclear – usei aquilo que eu chamava de culturalista. Na época era, hoje já □ não é mais porque cultura não é só □ um conjunto de normas, valores, crenças, etc., cultura envolve práticas também, então hoje é diferente. Mas aí eu li, eu tinha lido a Simone e depois li o livro da Betty Friedan, que se chama *A Mulher Mistificada* [sic: de fato, o título é *The Feminine Mystique* (1963)] (foi traduzido pela Vozes mas eu li em inglês, então eu li na década de 60, antes de escrever esse primeiro livro que alguns de vocês conhecem) e eu não percebi que havia plágio porque eu entrei na onda do método. A Betty Friedan já □ tinha uma outra maneira de encarar as coisas, não era via cultura, como Simone dedica o segundo volume inteiro, que é muito maior do que o primeiro, ao estudo dos escritores, dos que escreveram sobre assuntos que interessavam analisar e ela dava uma importância muito grande à escritura e eu fugi disso. Fugindo disso, havia muita literatura, eu caí na Betty Friedan, não percebi que ela havia plagiado *O Segundo Sexo*. Eu aprendi isso muito recentemente, só □ não tive tempo de voltar a ler Betty Friedan.

# PENSANDO A CONTRAPELO:

## 2.A RECEPÇÃO FORA DO BRASIL ( NO CALOR DA HORA)

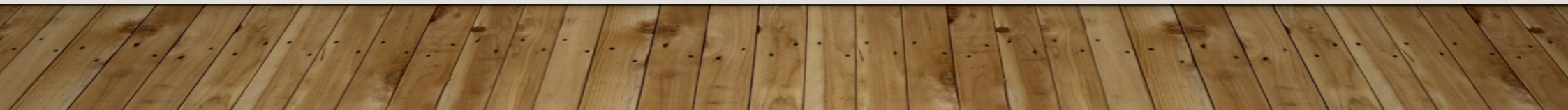
---

Ruby Rohrlich-Leavitt (1979). *L'Homme*

Melvieth Saffioti is a contemporary pioneer in the theory and research of women's status and roles. Her book, *Women in Class Society*, published in English in 1978, was actually written twelve years earlier, when the women's movement in North America and Europe was in the first stages of its resurgence. Thus her approach was influenced by the work of other women pioneers, such as Simone de Beauvoir, Betty Friedan and Juliet Mitchell.

Saffioti's basic orientation is that of a Marxist social scientist, but she deviates from orthodox Marxists in several ways. Against their tendency to overlook the historical particularities of the oppression of women, she has drawn a picture of their historical situation in Brazil, a dependent capitalist country, as well as provided an analysis of women's condition in the central capitalist countries. Also, while she is convinced that only under socialism will women and men achieve egalitarian relationships, "contingent on the continuation of the process of economic development", at the same time she is critical of the areas in which women are also exploited in the socialist countries.

The Introduction by Eleanor Burke Leacock is an insightful overview of Saffioti's principal theses, from the perspective of a Marxist anthropologist who has pioneered in the ethnohistorical documentation of the egalitarian relationships between women and men in band societies.



# PENSANDO A CONTRAPELO: 2.A RECEPÇÃO FORA DO BRASIL ( NO CALOR DA HORA)

---

NA GLAZER (1981) *Contemporary Sociology*

social class nor capitalism nor the Third World get much attention from North American sociologists writing about women. To explain the subordination, of women, most scholars lean heavily on theories of learning, restricted opportunities, and male domination of culture applied to women in the United States and Canada. The monograph by Brazilian sociologist Heleieth I. B. Saffioti (though written in the late ' 1960s) gives researchers a relatively good opportunity. The dominant theoretical perspective of the historical-sociological study is Marxian, supplemented by Weberian distinctions and Parsonian family theory (a somewhat unsatisfactory mix).

Because of a dated analysis of family and the narrow concept of social class, the book is valuable



# PENSANDO A CONTRAPELO:

## 2.A RECEPÇÃO FORA DO BRASIL ( NO CALOR DA HORA)

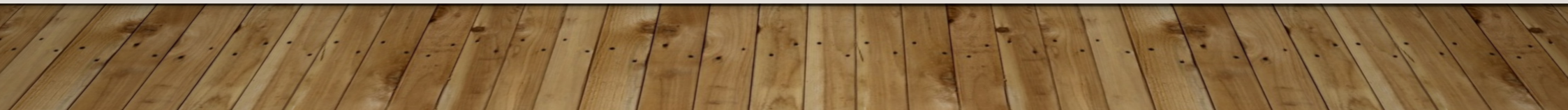
---

ERTHA GIMENEZ (1982) *Science and Society*

in *Class Society* is a complex and rich text in which many themes familiar to American feminists such as, for example, the relationships between sex and class, kinship structure and occupational structure, feminism and working class politics, etc., are examined from a theoretical perspective that combines Marxism and sociology in a critical synthesis, thereby shedding new light on the manifold determinants of the status of women in class societies, including capitalism. There are a few places in the text where greater conceptual clarity would have rendered the author's arguments more accessible to the reader. It is sometimes difficult to separate arguments about the basis for the oppression of women in all class societies from those pertaining specifically to capitalism; "class society" and "capitalist society" sometimes used interchangeably,

Excellent introduction by Eleanor Burke Leacock precedes the text, [ uma observação à margem ]

This text is not exempt from problems. Some may object to her writing style while others may disagree with some of her interpretations of class structure (for example, her view of unemployed women as outside of the class structure, pp. 205-6). But the scope and substance of her work, which emphasizes the theoretical and political importance of the mode of production, particularly the class relations and class struggles, for the understanding of the situation of women, makes it a valuable contribution to feminist scholarship.



# PENSANDO A CONTRAPELO:

## 2.A RECEPÇÃO FORA DO BRASIL (E QUASE AGORA)

---

BARBARA CELARENT (2014), *American Journal of Sociology*

...i's youth marks the book decisively. She told an interviewer 40 years later that "the older you get, the more questions there are. When one... one has no doubts." And the book is indeed a confident one. Karl Marx and Talcott Parsons, Max Weber and Karen Horney, Gilberto Freyre... tan Fernandes: **Saffioti mixes all these and dozens more in her first, theoretical section, despite their many disagreements and contradictory... etical schemes.** On the one hand we have Parsonian equilibrium and functions, ascription and achievement, social system and stability. On the... ve Marxian relations of production, commodity production, and capital accumulation. **This mixture never becomes clear;** one still wonders w... urgeois family form with its separation of home and work was truly necessitated by the triumph of capitalism. **But Saffioti's empirical insight... tently interesting.** For example, she notes the power conferred on labor by the withdrawal of women from the labor force (via the induced... or power and its consequent bargaining strength). This not-very Marxist argument proves to be one of the main joints between the analysis... at of labor. (Strangely, she spends little time on reproduction itself—the necessity of creating a la- bor force through family sexuality—even... to Freyre had long before noted the centrality of this process in colonial Brazil.) **In the end, Saffioti cannot reconcile the theory of class con... ws from Marx with the more mainstream view of stratification that undergirds her conception of sexual hierarchy and that permeates her... ents about the oppression of women.** [...] That Saffioti cannot ultimately synthesize the concepts of class and stratification **reflects in part h... of her time.** The demographic and mobility histories of families under capitalism were not empirically clarified until the 1960s and 1970s. Th... se in the nonreproductive portion of the life course; the consistent relation of fertility and class; the impact of health changes (especially the... nal mortality after the introduction of antibiotics); the ramifications of these things were not fully understood. Yet they would prove central... ng sensibly about the economic dynamics of households in the modern era.

# PENSANDO A CONTRAPELO:

## 3. AS IDEIAS AOS OLHOS DAS FEMINISTAS

---

da Sorj (1995) "O feminismo adentra a academia" – Os 25 anos de *A Mulher na Sociedade de Classes*

O livro foi pioneiro não só no Brasil como em nível internacional onde a Heleieth constitui referência obrigatória especialmente no mundo lusófono. Para avaliarmos o alcance desta obra e seus efeitos é necessário situá-la no contexto dos debates sobre mulher e desenvolvimento que predominavam no final da década de 60 e inícios de 70. Nesta época o livro de Ester Boserup *Woman's Role In Economic Development* (1970) vinha marcando os parâmetros do debate sobre mulher e desenvolvimento, na esteira do grande apelo que a teoria da modernização lançara entre os cientistas sociais americanos e latino-americanos. O argumento geral de Boserup era de que as mulheres trabalhadoras se encontravam marginalizadas do processo de desenvolvimento econômico em virtude dos seus baixos ganhos econômicos como operárias domésticas ou comerciantes quando comparados aos dos homens. Daí que as políticas de desenvolvimento deveriam se orientar a reparar este quadro de tal forma que as mulheres pudessem participar de uma maneira mais plena dos frutos do desenvolvimento. De fato a teoria da modernização está baseada na percepção de que a mudança social é um movimento linear do atraso à modernidade e advoga pela adaptação das instituições da tecnologia e das atitudes aquelas existentes nos países centrais do Ocidente. A relevância do livro *A Mulher na Sociedade de Classes* e o impacto que causa se deve a meu ver a apresentação de uma interpretação diferente desta que havia se tornado o senso-comum da teoria predominantemente norte-americana e que havia inspirado os diferentes programas de cooperação internacional em vários países do Terceiro Mundo. Enfatizando as mudanças nas relações de classe os efeitos contraditórios do processo de desenvolvimento capitalista e o conhecimento da possibilidade de modelos alternativos de desenvolvimento o livro proporciona um contraponto à teoria da modernização.

# PENSANDO A CONTRAPELO:

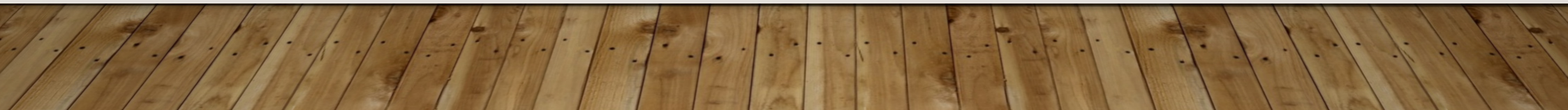
## 3. AS IDEIAS AOS OLHOS DAS FEMINISTAS

---

Celi Pinto (2014) – Uma feminista bem-comportada

Começo por um paradoxo do livro e da posição de Saffiotti: foi a primeira mulher a escrever um livro, dentro da academia, entrando sua análise na condição de dominação da mulher, ainda que se colocasse como não feminista devido aos pressupostos teóricos marxistas que adotava, o que chamo de segunda fase do feminismo bem-comportado brasileiro. Saffiotti, mesmo quando tratou de temas que eram caros às duas grandes referências feministas até aquele momento, Simone de Beauvoir e Betty Friedan, cuidou de se afastar da posição dessas pensadoras para manter seu marxismo intacto. O paradoxo, pois, está posto: o primeiro grande texto feminista no Brasil foi escrito por uma mulher que era declaradamente não feminista.

Mesmo com essa postura, Heleieth Saffiotti foi pioneira, e não só no Brasil: seu livro antecedeu o pico da chamada segunda onda do feminismo, apesar de já circular, no mundo ocidental, duas obras de grande repercussão: O segundo sexo, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949, e a Mística feminina, da americana Betty Friedan, publicado em 1963 e considerado um marco do movimento feminista norte-americano. Esses livros não tiveram influência marcante no trabalho de Heleieth. Seu contexto estava profundamente influenciado por outra problemática.



# TEMAS PARA DEBATE A PARTIR DOS INFORMES

## AULA 3 14.08

---

Pontos selecionados dentre as sugestões dos alunos

# TEMAS SELECIONADOS (I)

---

- O conceito de gênero: ausente na Mulher na sociedade de classes, central no artigo para leitura (Cecilia B.de Almeida); mas presença implícita de categorias como gênero e raça, o que revela a força criativa da autora (Marcel Maia); diversidade de orientações (M. Carla Corrochano); cita Rubin (75) mas não Joan Scott (86) (Beatriz Sanchez); uso de “ordem patriarcal de gênero”(Bianca Briguglio); gênero e patriarcado (Angela Guerreiro); gênero vs. classe tanto na academia quanto na militância (Henrique Costa); relação entre conceito de gênero e “feminismo bem comportado” instrumentalizado pelo Banco Mundial (Renata Moreno); discutir conceito de gênero como a-político e a-histórico (Fernanda Haag); relação entre sexo e gênero (José C. Baboin); gênero como construção histórica (Luciana Portilho); genealogia do conceito de gênero em Saffioti (Paula Figueiredo); paralelo entre a história de vida de Saffioti e a frase de Beauvoir (Celeste Almeida)
- Trabalho doméstico e de cuidados: importância no texto de Juliet Mitchell do tema do cuidado da criança, maternidade e família (Raquel Moreno); importância no texto de Margaret Benston do trabalho doméstico e de cuidados, não considerado trabalho porque fora do mercado. O programa das jovens brasileiras “au pair” nos Estados Unidos (Amanda Arrais) (cf. Tese de Mestrado de Michelle Redondo, “Au pair: Une nouvelle version pour une vieille forme de domination?” (2009), Universidade de Paris 8); trabalho produtivo e reprodutivo; emprego doméstico como não-capitalista e contribuindo para marginalizar a mulher na sociedade de classes segundo Saffioti (Ivana G.de Oliveira); o conceito de modo de produção doméstico (Mariana Mazzini); economia feminista e categoria do trabalho reprodutivo na geração do valor; mulheres negras e pobres no trabalho doméstico (Raquel Lindoso); hipótese sobre espaço doméstico e violência (Iuri Cardoso).

# TEMAS SELECIONADOS (II)

---

Os conceitos de patriarcado e capitalismo: retomar debate da aula 2 (Angela Guerreiro, Bruna P. de Oliveira, Mariana Mazzini, Paula Figueiredo); patriarcado vs. relações sociais (de poder) (Bianca Briguglio); desequilíbrio de gênero na sociedade patriarcal (Simone Miranda); patriarcado = machismo? (Ticiane Natale)

- Ideologia = superestrutura (H. Saffioti) ou primazia das relações sociais e suas bases materiais. (Cf. Cultural studies. Contribuição de Stuart Hall e E.P Thomson; controvérsia entre E.P.Thomson e Althusser a propósito de infraestrutura e superestrutura (E.P.Thompson, *The Poverty of Theory* (1978))
- Estruturalismo e materialismo, opressões e base econômica (Patricia Maeda); opressão econômica vs. sexual (Marcel Maia)
- Luta por direitos e superação da sociedade de classes: que complementaridades? (Paula S. Coelho)
- Modo de produção e formação social (Bruna P. de Oliveira, Ivana G. de Oliveira) (Cf. Barry Hindess e Paul Hirst – *Mode of production and social formation*, Palgrave MacMillan, 1977)

# TEMAS SELECIONADOS (III)

---

insubstancialidade e interseccionalidade : o « no » de Heleieth e a nao-hierarquização (Bianca Briguglio); o ” no” de Heleieth e D. Kergoat (Ticiane e). Orientação sexual e interseccionalidade (Amanda Arrais). Orientação sexual vs heteronormatividade (Beatriz Sanchez). Masculinidades (Amanda Haag, Iuri Cardoso); interseccionalidade e organizações revolucionarias que querem hierarquizar (Carla B. Martins)

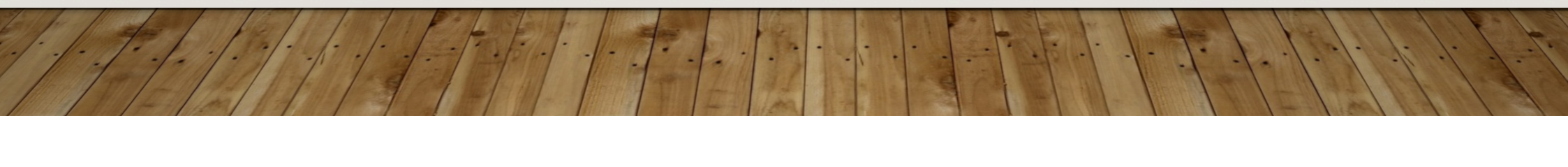
Raça não é central em H. Saffioti (Mariana Mazzini, Taina Gois). Lugar da raça? (Julia Neiva). Importância da relação entre raça, gênero e classe na análise empírica, por ex. como analisar comparativamente a população negra com maior peso entre cuidadoras no Brasil em relação a Uruguai e Argentina? (Mariana Mazzini) (cf. Tese de Doutorado de Guénolé Marchadour, Comment les rapports de domination se « réalisent-ils » ? Appréhender les rapports sociaux de sexe, de race et de classe dans les mobilisations des migrant.e.s brésilien.ne.s au Japon dans les années 2000, Université Lyon 2015, em que a banca considerou que houve um « por em pratica etnográfica da interseccionalidade »)

Culturalismo vs materialismo (Patricia Maeda); distancia entre Saffioti e Beauvoir (Livia Perez); pouca importância dada à cultura por Saffioti (Marcel Mauss); feminismo e luta de classes (Paula S. Coelho); feminismo = corregedoria (Mariana Rivera); Oposição para Saffioti entre perspectivas culturalistas e materialistas vs. Nancy Fraser que articula as 2 combinando redistribuição, reconhecimento e representação (Beatriz Sanchez); Freud (Angela Guerreiro, Julia Brandao, Maria C. Corrochano, Mariana Rivera) e Jung : critica à utilização de “anima/animus” (Tassia Almeida).



# TEMAS SELECIONADOS (IV)

- **Controvérsias:**

- 
- O feminismo “bem comportado de Saffioti”: críticas a essa interpretação (Ana B.Lima, Carla B. Martins, Gabriela Bussab, José C. Baboin, Paula Figueiredo, Simone Miranda, Taina Gois, Tassia Almeida, Ticiane Natale, Thor Ribeiro); crítica mais geral às interpretações de Celi Pinto (Nayara B. do Nascimento)
  - Metodologias de pesquisa (Julia Neiva); epistemologia feminista: neutralidade da ciência e conhecimento situado (Cecilia B. de Almeida); o “fazer científico”. Marxismo como via para superar dilema entre ortodoxia e ecletismo? (Mariana L.Afonso).
  - As contradições de Saffioti (Juliana Wruck); Bila Sorj fala das revisões de posições de Saffioti. Quais revisões? (José C. Baboin); lugar da raça e interseccionalidade (Julia Neiva). Originalidade de Saffioti (Bruna P. de Oliveira). Atualidade e repercussão internacional de Saffioti (Julia Brandao); evolução conceitual de Saffioti (Thor Ribeiro)
  - Butler (Saffioti cita Butler na entrevista publicada em 2011): simpatia de Saffioti por Butler (Cecilia B. de Almeida) divergência entre feminismo materialista e *queer* (Paula Figueiredo)
  - Marxismo e feminismo; marxismo e feminismo materialista (Mariana Mazzini, Taina Gois); importância e limites do marxismo em H. Saffioti (Luciana Portilho); contribuição do pos-estruturalismo ao marxismo (por ex. Identidade de gênero) (Carla B. Martins)
- 

# TEMAS SELECCIONADOS (V)

---

## Autoras/es citadas/os:

Fourier, e os socialistas utópicos, Platao, etc (Nayara B. do Nascimento) (para Platão cf. F. Collin, E. Pisier, E. Varikas (org) *Les femmes de Platon à Derrida. Anthologie critique*, Paris: Plon, 2000 ; 2ème éd. Paris: Dalloz, 2011; para Fourier e socialistas utópicos, o trabalhos de Simone Debout e Michèle Riot-Sarcey).

Alexandra Kollontai, Flora Tristan (Renata Moreno) (Reedições recentes em português de A. Kollontai; Vargas Llosa sobre Flora Tristan e seu neto Gauguin em *El paraíso en la otra esquina*, 2003)

Virginia Woolf (Paula Figueiredo) (Seria interessante discutir em aula seus dois ensaios: *A Room of One's Own* (1929) e *Three Guineas* (1938))

Silvia Federici, Angela Davis (Taina Gois) (para Federici, além de *Caliban and the Witch* (2004) cf. trad. bras. de um artigo, “O feminismo e as políticas do *comum* em uma era de acumulação primitiva”, in Renata Moreno (org), *Feminismo, economia e política* (SOF, SP: 2014)

